



FORA DOS MUROS DA ESCOLA: REFLEXÕES E PRÁTICAS GEOGRÁFICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES

Adelvan Ferreira Santos¹

Introdução

Nos cursos de licenciatura, o Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório e indispensável. No caso do curso de Licenciatura em Geografia, ofertado no campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), as atividades curriculares de estágio são divididas em três modalidades (observação, intervenção pedagógica e regência) e estruturadas em quatro etapas (Estágio Supervisionado I, II, III e IV). No Estágio Supervisionado II – etapa que interessa ao estudo apresentado –, os conhecimentos geográficos são integralizados de modo a relacionar teoria e prática pedagógica, no intuito de possibilitar intervenções críticas e transformadoras no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, nessa segunda etapa, a abordagem desse componente curricular busca promover discussões acerca da práxis pedagógica para o ensino de Geografia nos espaços educativos não escolares, por meio da elaboração e aplicação de projetos de intervenção no formato de oficinas pedagógicas ou minicursos.

Os projetos desenvolvidos nesse componente curricular estimulam a criação de múltiplas estratégias de ensino, através da produção de materiais diversos didáticos a serem aplicados para um público determinado, escolhido pelos estagiários, em espaços não escolares, como associações, igrejas, sindicatos, espaços culturais, grupos de idosos, casas de apoio a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, casas do menor e grêmios estudantis, entre outras organizações e estruturas da sociedade. Nessa perspectiva, Gohn (2010) observa que os espaços da educação não formal ocupam lugares que remetem às particularidades vividas entre os sujeitos, visto que em tais ambientes predomina uma relação intencional voltada ao bem comum dos que dele participam. Dito de outra forma, a escola não é o único local onde a educação acontece; os sujeitos aprendem cotidianamente com suas comunidades e grupos de pessoas em busca de melhores condições de vida e bem-estar social.

Considerando, portanto, a relevância das atividades de estágio que buscam estender o diálogo entre saberes escolares e saberes não escolares, neste texto são apresentados e analisados os resultados de práticas desenvolvidas no componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia II, no curso de Licenciatura em

¹ Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor de Geografia na Secretaria de Educação e Esporte do Estado de Pernambuco (SEEPE). Membro do grupo de pesquisa GEO(BIO)GRAFAR: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores. E-mail: adelvan19@gmail.com



Geografia, ofertado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus IV, em Jacobina, Bahia, em espaços não escolares, ou espaços não formais. Com a descrição dos percursos formativos elaborados no intuito de romper com práticas educativas enfadonhas e pouco atraentes, tornam-se evidentes, neste estudo, a importância da construção de novos modos de ensinar e aprender Geografia em espaços educativos não escolares e a urgência de mais reflexões sobre a formação inicial do professor de Geografia.

Os percursos formativos supramencionados dizem respeito às oficinas pedagógicas desenvolvidas em um projeto social que acolhe crianças e adolescentes residentes em um bairro carente da cidade de Jacobina, município localizado no interior do estado da Bahia. Com o tema “Conhecendo a cidade: memórias, patrimônios e paisagens de Jacobina-BA”, essas oficinas buscaram promover o reconhecimento dos patrimônios histórico-culturais e das modificações das paisagens da cidade, estabelecendo um diálogo entre passado e presente, refletido na importância da preservação da memória escrita na paisagem.

Desse modo, construindo um relato de experiência ancorado nas práticas de ensino e na produção de novos materiais didáticos, como jogos e painéis pedagógicos, os principais objetivos da reflexão, aqui, proposta consistem em (i) refletir sobre a importância do Estágio Supervisionado para a formação inicial dos futuros professores e (ii) analisar as contribuições das práticas pedagógicas em espaços que transcendem os muros da escola, considerando a importância da diversificação da metodologia para o processo de ensino-aprendizagem de temas e conceitos geográficos. De modo geral, os resultados deste estudo indicam que essa etapa de estágio curricular nos cursos de licenciatura potencializa a formação inicial dos futuros professores e possibilita a troca mútua de conhecimentos entre os sujeitos participantes, por meio de oficinas pedagógicas ancoradas na mediação de temas e conceitos geográficos e por intermédio de metodologias de ensino dinâmicas e prazerosas.

O Estágio Supervisionado em Espaços não Escolares: o ensino além da escola

Na formação de professores de Geografia, o Estágio Supervisionado se configura como o momento de articulação entre as bases teóricas e os saberes práticos, possibilitando a convergência de conhecimentos adquiridos nos demais componentes que compõem a organização curricular. Trata-se de um momento de reflexão sobre as vicissitudes do universo escolar e de outros espaços de formação capazes de garantir a aprendizagem sobre temas relevantes para a vida dos sujeitos em sociedade. Por isso “[...] o estágio enquanto teoria e prática vêm contribuindo com a formação inicial do professor, na busca pela construção de sua identidade docente” (SILVA; BATISTA, 2016, p. 367). Essa identidade é estabelecida na interação dos futuros professores com o ambiente de vida, formação e profissão, que, inclusive, pode se modificar conforme as experiências e os acontecimentos que emergem no tempo e espaço do fazer docente, em um movimento dialético de formação contínua.

Ao intencionar a reflexão crítica dos saberes necessários à prática pedagógica, visando o aprendizado geográfico produtivo e significativo, sem dúvidas, o estágio potencializa sobremaneira a práxis docente. Além disso, também mobiliza a interação entre professores/estagiários e sujeitos em processo de escolarização em espaços formais e/ou não formais, em uma relação mútua de compartilhamento de conhecimentos. Sob essa ótica, Pires e Pinheiro (2019, p. 126) afirmam que o estágio



[...] pode ser considerado o eixo central na formação de professores, por apresentar os aspectos indispensáveis à construção do ser profissional docente no que se refere à instituição da identidade e dos saberes, constituindo-se no nexo aglutinador das aprendizagens dos diferentes componentes curriculares.

No curso de Licenciatura em Geografia, ofertado pela UNEB/campus IV, os Estágios Supervisionados são desenvolvidos a partir do quinto semestre, ou seja, na segunda metade do curso, sendo organizados e distribuídos em três modalidades e quatro etapas consecutivas de 105 horas cada. O primeiro é o estágio de observação, por meio do qual, para além das aulas teóricas, os futuros professores vão às instituições de educação básica para compreender a dinâmica escolar, verificar os recursos disponíveis para o trabalho em sala de aula e as metodologias utilizadas pelo professor regente, entre outras questões observadas e vivenciadas no chão da escola. No caso específico do Estágio Supervisionado II, as oficinas e/ou intervenções em espaços educativos não escolares se configuram como o

[...] momento de desenvolvimento de trabalhos com dimensão pedagógica, na área específica ou afim, em outros espaços pedagógicos extraescolares. Poderá ocorrer através de minicursos e/ou oficinas pedagógicas, enfocando os programas de ensino em vários espaços educativos, através da elaboração de projeto de intervenção. As oficinas e/ou minicursos terão carga horária máxima de 20 horas/aula, com uma média de 15 participantes. Esta etapa é finalizada com um seminário de socialização, oportunizando, dessa forma, a um amplo conjunto de discentes, o compartilhamento de experiências vivenciadas durante a execução das oficinas, além de estabelecer conexões entre o conhecimento acadêmico adquirido e o ambiente de educação não formal trabalhado (SOUZA; SOUZA, 2016, p. 400).

Já aqueles na modalidade de regência, Estágios III e IV, representam o momento em que os estagiários assumem e se responsabilizam pelo processo de ensino em sala de aula, na disciplina de Geografia, em instituições escolares da rede pública de ensino do município de Jacobina, Bahia. O Estágio III encarrega-se dos anos finais do ensino fundamental II (do 6º ao 9º ano) e o IV encaminha os futuros professores para assumirem a regência no ensino médio. Esses componentes curriculares são finalizados com o seminário de socialização das experiências adquiridas durante o seu transcurso.

Como supramencionado, interessa a este estudo o caso do Estágio Supervisionado II, que visa promover intervenções e/ou oficinas em espaços não escolares, considerados por alguns teóricos, em algumas literaturas, como espaços de educação não formal, em razão da ausência de ligação direta com as diretrizes do poder do Estado. A esse respeito, Gohn (2005, p. 91-92) destaca que a educação não formal integra

[...] um conjunto de processos delineados para alcançar a participação de indivíduos e de grupos em áreas denominada extensão rural, animação comunitária, treinamento vocacional ou técnico, educação básica, planejamento familiar, etc. Os



conteúdos a serem adquiridos via educação não formal, propostos por Coombs e Ahmed, incluíam: atitudes positivas em relação à cooperação na família, trabalho, comunidade, colaboração para o crescimento nacional, progresso, etc.; a alfabetização funcional; o conhecimento de habilidades funcionais para o planejamento familiar, sustentação econômica e participação cívica, além de uma visão científica para a compreensão elementar para determinadas áreas específicas.

Nesse campo de atuação, as experiências individuais e coletivas dos grupos são o fio condutor de novas confluências de conhecimentos vinculados às experiências da tradição e aos saberes forjados nos moldes das ciências, haja vista que “[...] a maior importância da educação não formal está na possibilidade de criação de conhecimentos novos”, isto, é o “[...] agir comunicativo dos indivíduos voltado ao entendimento dos fatos e fenômenos sociais do cotidiano” (SILVA; BATISTA, 2016, p. 370). Portanto, os espaços não escolares são ambientes propícios para dinamizar os conceitos da Geografia, pois nesses locais predomina um conjunto de normas e aspectos subjetivos do grupo, normas que diferem de regulamentos e leis estabelecidos por órgãos superiores da educação formal, demandando que o mediador das atividades aja com autonomia para definir, por meio de um breve diagnóstico, a real necessidade de aprendizado dos participantes que atuam em comunidade.

Nesse viés, é necessário observar que a educação não formal parte, segundo enfatiza Gohn (2010), da solidariedade e das necessidades em comum entre os sujeitos, levando à formação de laços afetivos e de construção cidadã, e transformando a realidade coletiva do grupo. Nessa relação entre a escola e os demais espaços de socialização e aprendizagem, a

[...] educação formal engloba toda uma estrutura sistêmica de ensino disposta em ambientes escolares, a educação não formal caracteriza-se por desenvolver atividades educacionais fora do âmbito ou dos marcos legais formais, embora não deva ser caracterizada por uma educação assistemática e descontextualizada das questões sociais e de intencionalidades políticas e de classe claras e objetivas (SILVA; SANTOS, 2019, p. 93).

De modo abrangente, esse tipo de educação – que engloba a escola e o que está fora de seus muros – prepara os cidadãos para compreenderem o mundo que os circunda, “[...] onde a concretude da vida dos sujeitos é tratada num processo formativo emancipador, pela via da aprendizagem política e de práticas comunitárias, permitindo ler e compreender as contradições do espaço” (SILVA; SANTOS, 2019, p. 89), a fim de formarem indivíduos críticos da realidade social na qual estão inseridos, para que possam saber agir e intervir em sua realidade. De acordo com Silva e Santos (2019, p. 91), em termos de definição, o que diferencia a educação não escolar da educação escolar formal “[...] é o fato de ser realizada fora dos muros da escola e utilizar métodos e conteúdos específicos para atender aos objetivos e demandas das pessoas que dela necessitam”, favorecendo o desenvolvimento de uma aprendizagem contextualizada com os anseios das comunidades participantes.

Nesse sentido, os estágios em espaços não formais preparam os professores estagiários para o uso de diferentes metodologias adequadas ao público escolhido, pois esse recorte, a partir da ação reflexiva do lugar onde são desenvolvidas as intervenções



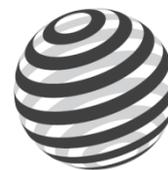
pedagógicas, em formato de oficinas, possibilita sistematizar novos olhares e percepções acerca do conjunto de estruturas sociais, políticas, culturais e ambientais capazes de propiciar ações pedagógicas voltadas à formação crítica dos sujeitos em seu cotidiano. Entretanto, para alcançar o sucesso em tal tarefa, é necessário conhecimento prévio da comunidade onde se pretende realizar as oficinas pedagógicas, bem como planejamento e elaboração das ações a serem realizadas através do projeto de intervenção, de modo a contemplar os grupos envolvidos. Além disso, é imprescindível que se escolha cuidadosamente a temática e os conceitos adequados a uma educação geográfica contextualizada com o lugar de vivência dos sujeitos em questão e, não menos importante, que se indique a metodologia utilizada, especificando os recursos e os modos de mediar tais conhecimentos historicamente acumulados pelos saberes tradicionais e científicos – aspectos destacados na próxima seção deste texto, quando o objeto em estudo é descrito.

O Projeto “Conhecendo a Cidade: Memórias, Patrimônios e Paisagens de Jacobina-BA”: reflexões e práticas

O referido projeto, que intitula esta seção, objetivou instigar, por meio de oficinas pedagógicas, o reconhecimento dos patrimônios histórico-culturais e das paisagens de Jacobina, presentes nas memórias coletivas e individuais dos sujeitos. Esse projeto foi aplicado em uma instituição não governamental chamada Casa Rebeca, que se destaca no município de Jacobina por atender a crianças e adolescentes residentes no bairro Bananeira. O espaço Casa Rebeca foi assim nomeado em homenagem a uma criança – chamada Rebeca – que faleceu por problemas decorrentes da desnutrição. Diante das mazelas vividas por crianças carentes da cidade, a Casa Rebeca desenvolve atividades com temáticas culturais, religiosas e escolares, tendo como foco principal o acolhimento a crianças e adolescentes, do bairro Bananeira, em situação de vulnerabilidade social, criando possibilidades para uma ampla formação sociocultural e melhor qualidade de vida.

As oficinas, desenvolvidas com crianças e adolescentes de 5 a 13 anos de idade, buscaram (a) estudar o conceito de paisagem, memória e patrimônio, (b) relacionar os patrimônios histórico-culturais de Jacobina-BA, (c) refletir sobre a relevância das memórias individuais coletivas e (d) incentivar a valorização e a preservação dos patrimônios culturais. Promovendo um diálogo entre temas e conceitos históricos e geográficos, apesar da pouca idade dos sujeitos participantes, essa temática é sobremaneira relevante, visto que ensinar crianças e jovens sobre a necessidade de preservação e valorização do patrimônio material e imaterial é um possível caminho para a formação de uma sociedade cumpridora de seus deveres, de futuros cidadãos mais comprometidos com as questões identitárias e vinculadas à produção do espaço geográfico, que produz paisagens particulares e subjetivas do campo e da cidade. Nessa mesma direção, Pires e Queiros (2006, p. 6) afirmam que através

[...] da Educação não formal se consegue uma leitura e compreensão do movimento cotidiano da cidade que, por si só, já se manifesta educadora. Cabendo aqui enaltecer essa educação tanto por contribuir para a civilidade como para o incivilizado, dependendo do modelo de sociedade em que ela se desenvolva. Ou seja, a cidade tem em si um conteúdo educativo que precisa ser percebido/compartilhado pelos sujeitos sociais que nela residem.



Para além do movimento cotidiano, o espaço urbano agrega as marcas do passado e do presente, um misto de produção e reprodução das relações humanas com os objetos que compõem a cidade, como, por exemplo, os patrimônios material e imaterial da cidade de Jacobina, Bahia. Ao observar a paisagem, é possível notar vestígios do trabalho e traços das atividades realizadas no transcurso do tempo e no espaço, com a paisagem se revelando como uma “impressão digital”, uma vez que cada paisagem possui uma forma única, particular, que foi sendo “lapidada” por questões econômicas, sociais e culturais. Acerca dessa perspectiva, Cavalcanti (2004, p. 85) ressalta que cada

[...] tipo de paisagem é a reprodução dos níveis diferentes de forças produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, por isso ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de vários momentos; ela não é uma espécie de marcas da história do trabalho das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico.

As construções históricas e paisagísticas das cidades se estabelecem por meio de diferentes técnicas, que, historicamente, transformam, produzem objetos e exibem as rugosidades do passado e do presente, cheios de intencionalidades humanas, marcando o breve tempo de sua existência. Por isso, como destacam Lopes e Milder (2012, p. 178), a “[...] busca pela imortalidade pode gerar testemunhos físicos dignos, dado o seu significado sócio histórico, de uma categoria de patrimônio histórico e cultural capaz de retratar o passado”, oferecendo “[...] respostas para as questões do presente.” Em outras palavras, os testemunhos físicos, se preservados, podem ser acessados por muitas gerações que interpretam o significado do presente através dos símbolos criados pelos antepassados.

Assim, ao longo do tempo, o homem constrói e reconstrói suas edificações de acordo com suas possibilidades econômicas, sociais e culturais, retirando da natureza a matéria-prima necessária para tal, levando ao aperfeiçoamento das técnicas e à criação de novas formas de produzir e viver. Contudo, restam os símbolos caracterizados como patrimônios, que, em definição, são compreendidos como “[...] o conjunto de bens materiais e imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente” (MENESES, 2009, p. 37). Assim, as características físicas e culturais que dão sentido ao tempo remetem ao passado, e a memória se constitui como “[...] uma construção social que edifica identidades distintas e patrimônios de culturas diversas” (MENESES, 2009, p. 37). Vale ressaltar que os patrimônios não se resumem apenas a edifícios, igrejas, objetos e artefatos, por exemplo, mas também aos patrimônios imateriais, que podem ser definidos “[...] como o conjunto de manifestações populares de um povo, transmitidos oralmente, recriados e modificados ao longo do tempo” (MENESES, 2009, p. 38), como as festas populares, as cantigas de roda, a capoeira, e uma infinidade de expressões da cultura popular.

Nesse sentido, os símbolos patrimoniais contemplam a história do lugar e as relações de pertencimento das pessoas, em objetos físicos, sons e imagens que remetem às memórias que precisam ser preservadas no imaginário dos sujeitos. Por isso “[...] a preservação do patrimônio cultural deve ser uma prática social que adiciona novos bens, valores e processos culturais à experiência de toda a comunidade” (KERN; MUTTER, 2012, p. 196), e é através da educação, das intervenções pedagógicas, que



a conscientização dos sujeitos pode ser desenvolvida, da infância à vida adulta, visando garantir, no caso do projeto aqui evidenciado, que os patrimônios históricos e culturais de Jacobina sejam preservados, para que futuras gerações possam compreender como se deu a construção espacial e paisagística, bem como a cultura do seu lugar de vivência.

Sem dúvidas, no sentido de encontrar soluções que se adequem e tenham total eficiência na promoção do aprendizado, a prática docente é muito desafiadora, demandando que o professor/estagiário, no processo de mediação do conhecimento, crie alternativas que visem suprir as necessidades do ensino. Nas aulas teóricas do componente curricular Estágio Supervisionado II, antes mesmo do início efetivo das atividades de planejamento da intervenção, houve discussões a respeito da produção de recursos didáticos que dinamizassem as aulas/oficinas a serem aplicadas, em um esforço para garantir que, através da produção docente, os conceitos fossem contextualizados da melhor forma possível.

Quanto à aplicação, as oficinas decorrentes deste projeto foram desenvolvidas em sete encontros de cinco horas cada, totalizando 35 horas. Como dispositivos-didáticos, foram utilizadas diversas linguagens, como vídeos, músicas, fantoches, painéis ilustrativos, leitura de textos, jogos e, de modo especial, fotografias², por ser um recurso visual dotado de simbologias que fazem parte do cotidiano das pessoas, resgatando memórias e eternizando paisagens e histórias de vida.

São apresentadas, a seguir, algumas das práticas desenvolvidas durante as oficinas:

1) Conhecendo Jacobina-BA por meio de vídeo. A priori, foi exibido o vídeo intitulado “Chapada Norte Jacobina – A Natureza e a Cidade”, um recurso visual de 4min16s de duração. Seu conteúdo diz respeito à apresentação de várias belas paisagens naturais e urbanas, com imagens aéreas de toda a cidade, de pessoas trabalhando, estudando e dando movimento ao espaço urbano. As crianças ficaram encantadas com o vídeo. À medida que as imagens iam sendo reproduzidas, os participantes foram questionados sobre o que eles conheciam e acerca dos lugares já tinham visitado (Quais as atividades desenvolvidas pelas pessoas? Quais imagens chamaram mais sua atenção? etc.). Conforme depoimentos, os alunos gostaram mais de ter visualizado o “areão”, que se trata de um acúmulo de sedimentos próximo ao bairro onde eles moram, e que já conheciam por fazer parte de sua realidade. Esse reconhecimento evidenciou o sentimento de pertencimento, o que não ocorreu com o centro da cidade, que não faz parte do cotidiano desses sujeitos.

2) Reconhecendo a paisagem com o painel dos sons. A atividade seguinte buscou aprimorar a percepção da paisagem através dos sons. Divididos em dois grupos, um de cada vez, os participantes ouviram o som previamente selecionado e transmitido via celular, associando-o às imagens exibidas em uma mesa da sala. Ao identificar a imagem relacionada ao som, eles a levavam até o painel disponibilizado na parede. Em seguida, eles descobriram se a correlação estava

² As fotografias possibilitaram conhecer a cidade sem sair do espaço da Casa Rebeca. Durante as oficinas com as crianças, muitos disseram conhecer apenas os limites do bairro Bananeira, desconhecendo a cidade onde residem. Evidentemente, a opção por aulas de campo poderia promover resultados mais positivos para a compreensão da temática abordada, entretanto essa metodologia de ensino não foi permitida, por representar possíveis riscos à integridade das crianças e adolescentes participantes.



adequada ou não. Foram escolhidos sons variados, como o som do sino da Igreja da Matriz (patrimônio localizado em praça no centro da cidade), de buzinas de caminhões, de uma cachoeira, do berrante dos vaqueiros, da feira livre da cidade, entre outros. A intenção consistiu em perceber que paisagem e memória estão interligadas aos sentidos, sobretudo à visão, ainda que também estivessem relacionadas ao ouvir e ao sentir.

3) *Reconhecendo os patrimônios material e imaterial de Jacobina.* Após algumas explicações sobre o que são patrimônios, os participantes foram divididos em dois grupos, e cada grupo se encarregou de montar dois painéis com imagens pré-selecionadas a respeito dos tipos de patrimônios. Para o grupo 1, patrimônio material, e para o grupo 2, imaterial. As imagens, juntas em uma caixa, precisavam ser diferenciadas – segundo o tipo de patrimônio do grupo – para a montagem de cada painel. Outros recursos foram utilizados, como dois quebra-cabeças (com a imagem da Igreja da Missão e com a imagem da Marujada³). Esses recursos aproximaram os opinantes mais agitados e fizeram com que eles se mantivessem concentrados em solucionar o desafio de identificar qual patrimônio se revelaria através do encaixe das peças, de modo que fosse possível reconhecer se patrimônio material – pelos objetos historicamente construídos pelo trabalho – ou se imaterial – pelas expressões culturais que fortalecem as identidades individuais e coletivas dos sujeitos.

4) *Dominó do tempo.* O “dominó do tempo” foi construído com imagens antigas e atuais do patrimônio material de Jacobina, e após a edição das imagens no *software* de design gráfico CorelDraw, o arquivo digital foi impresso em adesivo plástico e fixado a uma chapa de papelão recortada em formato preestabelecido. O objetivo desta atividade consistiu em reconhecer os patrimônios e revelar as modificações da paisagem urbana. O jogo continha 28 peças, de 3x6cm cada. Com a mediação do professor/estagiário, os participantes, ao encaixarem as peças umas nas outras, foram edificando os lugares e percebendo como era o aspecto anterior e como é o aspecto atual das paisagens, refletindo sobre como o homem cria e recria os objetos geográficos de acordo com o uso das técnicas do seu tempo. Para essa atividade, cada participante, ou dupla de participantes, selecionou sete peças do dominó; cada peça continha imagens de um ou dois monumentos da cidade. Para vencer o jogo, eles precisaram observar as estruturas antigas por meio de imagens dos objetos geográficos (praças, igrejas, casarões etc.), encaixando as peças adequadas em cada jogada. Ao mesmo tempo em que ocorria a partida, eles puderam compreender, com a mediação do professor/estagiário, os conceitos de patrimônio material e de paisagem modificada, entendendo que existem construções que dão sentido cultural ao lugar e percebendo como a paisagem da cidade mudou ao longo dos anos. A princípio, os participantes ficaram bastante curiosos para ver as peças, organizando-se em seguida em quartetos para iniciar o jogo. Foram utilizados dois dominós, com o total de 28 peças cada, possibilitando o número de até 8 participantes por partida. Mas, dependendo do nível de dificuldade dos alunos, eles puderam formar duplas e se ajudarem (Figuras 1 e 2). Foi possível perceber

³ A Marujada de Jacobina, que desfila no dia de São Bento, é formada por um grupo de homens vestidos de marujos, representando a cultura legada pelos portugueses durante as grandes navegações. Em Jacobina ainda se preserva esse costume, com algumas adaptações e linguagem nordestina.

o senso de competição entre eles, que, no entanto, tornou-se menos intenso após a mediação do estagiário, visto que se tratava de uma intervenção pedagógica com objetivos definidos, e não apenas um jogo para entretenimento.



Figura 1 – Aplicação do jogo

Fonte: Acervo pessoal



Figura 2 – O jogo montado

Fonte: Acervo pessoal



O “dominó do tempo” proporcionou momentos de descontração e aprendizado, ao mesmo tempo em que os indivíduos se identificavam como pertencentes a uma cidade, com muitos símbolos e significados culturais. Ao identificar nas peças do jogo os locais da cidade, eles os correlacionaram aos conhecimentos prévios discutidos em momentos anteriores. Na Figura 2 é possível perceber a mudança da paisagem quando comparada às imagens da Igreja da Matriz: hoje, esse patrimônio possui duas torres, ao contrário da imagem na fotografia antiga, quando possuía apenas uma torre.

Cada cidade teve/tem um modo de construção, e isso se reflete na paisagem, de modo que é preciso fazer essa leitura geográfica para compreender cada espaço de vivência, e as características físicas e culturais que dão sentido ao tempo remetem ao passado, produzindo memórias. Considerando esse contexto, o jogo “dominó do tempo” estimulou nos participantes o desejo de interagir com os colegas e também em galgar o êxito da vitória, enquanto compreendiam o conteúdo. As imagens dos objetos geográficos contidas nas peças do jogo também chamaram bastante a atenção dos alunos, por retratarem o lugar onde eles vivem e carregarem uma gama de sentimentos e de valores culturais e históricos.

5) *Reconhecendo as paisagens urbanas e rurais.* Para esta atividade, foi elaborado um jogo da memória contendo 24 pares de cartas (de 5x7,5 cm), com imagens urbanas e rurais de Jacobina, com ênfase nos patrimônios materiais. Após a edição no *software* de design gráfico CorelDraw, o arquivo digital foi impresso em adesivo plástico e fixado em uma chapa de papelão recortada em formato preestabelecido. Durante a atividade, o estagiário propôs uma discussão acerca das diferenças existentes entre o campo e a cidade. Os participantes foram divididos em duplas, e cada dupla escolheu duas cartas do jogo (Figuras 3 e 4). A escolha das cartas, com as imagens viradas para baixo, demandava o uso da memória para encontrar as imagens iguais de cada objeto geográfico. O objetivo do jogo consistiu em utilizar a memória e a percepção para formar – e encontrar a função de – cada monumento, bem como para identificar os patrimônios da cidade, analisando seu valor histórico e cultural e fazendo a diferenciação entre os objetos e a paisagem do campo e da cidade. Após a identificação, e com a mediação do estagiário, os participantes fizeram comentários a respeito da imagem. Os alunos que sentiram dificuldade foram ajudados pelos colegas.



Figura 3 – Peças do jogo da Memória

Fonte: Acervo pessoal



Figura 4 – Aplicação do Jogo

Fonte: Acervo pessoal

Quanto ao uso de instrumentos didáticos que potencializam o aprendizado dos estudantes, os jogos, como constatado por este estudo, funcionam como um recurso pedagógico dinâmico e lúdico. “Com os jogos, os alunos utilizam o pensamento lógico,



trabalham as ferramentas da inteligência, constroem habilidades motoras, domínio de espaço, e, principalmente, são sujeitos ativos saindo da passividade” (KLIMEK, 2011, p. 120). Por ser uma proposta simples, o jogo da memória pode ser utilizado por crianças de diferentes faixas etárias, e os critérios de memorização ficam a cargo dos jogadores. Durante as oficinas, foi perceptível o alto nível de curiosidade dos participantes, e o interesse pelas peças dos jogos foi o diferencial na aproximação entre estudantes-estudantes e estagiário-estudante. Além disso, pelas feições das imagens, o imaginário e o interesse dos indivíduos puderam ser instigados, pois se tratavam de referências ao lugar de vivência, às origens, desses sujeitos, contextualizadas em uma linguagem lúdica e capaz de despertar as emoções que o ato de aprender pode gerar.

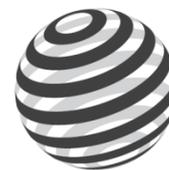
De modo geral, os participantes se dedicaram às tarefas propostas, buscando cumprir os objetivos dos jogos e não demonstrando grandes dificuldades, mesmo porque cada conceito evocado pelos jogos (paisagem, patrimônio, cidade e preservação) havia sido previamente discutido. Assim, os jogos possibilitaram o exercício da autonomia para planejar a partida, visando vencê-la, e o protagonismo desses sujeitos, que se tornaram responsáveis pelas ações de aprendizado. Com base nas regras estabelecidas, os jogos propiciaram, ainda, que a socialização ocorresse de modo democrático (assim como é necessário controle nas ações em uma sociedade) e em respeito à participação de cada um dos envolvidos. Esse relato comprova que a educação geográfica amplia a concepção de mundo, forma indivíduos capazes de se relacionarem com o espaço geográfico no qual habitam e promove o reconhecimento da inter-relação com outros lugares.

Considerações Finais

Entre os espaços formativos, o estágio é um dos mais importantes na preparação dos graduandos, futuros professores, pois representa o momento de praticar o que foi estudado nos bancos da universidade. No entanto, não é uma tarefa fácil, visto que a prática forma e transforma o modo de agir diante dos desafios da docência, em uma constante adaptação de conteúdo e atividades, nos mais diversos contextos, e com públicos singulares. Nesse contexto, os espaços formativos não escolares são, assim como as instituições formais de educação, propícios à promoção de trocas mútuas de conhecimentos, onde os grupos sociais podem dialogar entre si acerca das particularidades vivenciadas em seus lugares de vivências e sobre as experiências que são próprias de cada grupo específico.

Sob essa perspectiva, as oficinas aplicadas para alunos da instituição não governamental Casa Rebeca, em Jacobina, Bahia, contribuíram para ampliar a percepção dos sujeitos participantes sobre sua cidade. Ao se deslocarem entre as praças e avenidas, eles podem compreender que cada objeto geográfico possui uma finalidade e um contexto histórico, moldados segundo o avanço da técnica, dando novos sentidos à paisagem. Os objetos geográficos contidos nas imagens dos vídeos, jogos e painéis, entre outros recursos utilizados durante as oficinas, são pontos turísticos e de valor histórico na cidade; são bens do povo que nela habita e se constituem como parte da identidade desses sujeitos, por isso é importante mantê-los preservados por todas as gerações.

Assim, considerando o relato apresentado, é possível afirmar que, a partir da educação e por meio de intervenções pedagógicas, sejam elas em formato de oficinas, rodas de conversas, seminários ou outros, a conscientização, desde a mais tenra idade,



acerca das singularidades e identidades de um povo é um caminho importante para a garantia da preservação e valorização dos patrimônios históricos e culturais de Jacobina. Crianças e adolescentes, compreendendo que esses vestígios do passado dão sentido ao presente, contam a história de uma cidade, de um bairro, de um casarão, uma igreja e demais objetos geográficos, manifestando as rugosidades da paisagem, urbana ou rural, podem intervir de modo mais produtivo e equitativo nas dinâmicas sociais de seu lugar de vivência.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 2004.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KERN, A. A.; MUTTER, D. Discussões acerca do patrimônio cultural. *In*: PAIM, E. A.; GUIMARÃES, M. de F. (Org.). **História, memória e patrimônio: possibilidades educativas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 165-182.

KLIMEK, R. Como aprender geografia com a utilização de jogos e situações-problema. *In*: PASSINI, E. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 117-123.

LOPES, S. N.; MILDNER, S. E. S. Considerações acerca do patrimônio histórico e cultural na legislação brasileira. *In*: PAIM, E. A.; GUIMARÃES, M. de F. (Org.). **História, memória e patrimônio: possibilidades educativas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 165-182.

MENESES, J. N. C. Memória e historicidade dos lugares: uma reflexão sobre a interpretação do patrimônio cultural das cidades. *In*: AZEVEDO, F. L. M. de *et al.* (Org.). **Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. p. 32-45.

PIRES, C. M. de S.; PINHEIRO, J. P. dos S. Estágio supervisionado e formação profissional dos professores de Geografia. *In*: NUNES, M. D. dos R.; SANTOS, I. S. dos; MAIA, H. C. A. (Org.). **Ensino de Geografia: outros olhares e práticas nos percursos formativos**. Salvador: Eduneb, 2019. p. 125-142.

PIRES, C. M.; QUEIROS, P. P. O estágio em espaços não formais de ensino: outras possibilidades do educador. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO, XI, 2006, Cidade do México, 2006. **Anais [...]**. Cidade do México: Univesidad Pedagógica Nacional, 2006. p. 1-17.

SILVA, A. M. G. da; BATISTA, M. D. M. B. e. Educação para além da formalidade: estágio não formal em Geografia e contribuições à formação inicial do docente. *In*: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S. de; RIBEIRO, S. L. (Org.). **Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016, p.363-378.

SILVA, A. M. G. da; SANTOS, J. da. Estágio como prática social de formação sociopolítica no campo da Geografia. *In*: NUNES, M. D. dos R.; SANTOS, I. S. dos; MAIA, H. C. A. (Org.). **Ensino de Geografia: outros olhares e práticas nos percursos formativos**. Salvador: Eduneb, 2019. p. 85-105.



SOUZA, H. R. de; SOUZA, L. C. T. de. Estágio supervisionado em Geografia: percorrendo novos caminhos e construindo outras Geografia. *In*: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S. de; RIBEIRO, S. L. (Org.). **Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 397-415.